

LINGUAGEM, BAKHTIN E VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL EM COMUNIDADES INDÍGENAS DA COLÚMBIA BRITÂNICA NO CANADÁ: identificando problemas institucionais

*Language, Bakhtin and child sexual violence in indigenous
communities from British Columbia in Canada: identifying institutional
problems*

Letícia de Lourdes Lunna Gesteira da Silva¹
Fabiana Dantas Soares Alves da Mota²

Resumo: A presente pesquisa problematiza o uso da linguagem na construção identitária de sujeitos de direito que constroem práticas discursivas acerca do tema da exploração sexual infantil em comunidades indígenas de Victoria, Colúmbia Britânica, Canadá. De base qualitativa e interpretativista, essa investigação se volta para as categorias do dialogismo e das forças verbo-ideológicas, com base no Círculo de Bakhtin. A violência sexual infantil em comunidades indígenas é investigada a partir das interações discursivas em foco e da análise das relações dialógicas, por meio da Análise Dialógica do Discurso (ADD). Conclui-se que i) o perigo da lógica monorracional e ii) a importância das forças verbo-ideológicas e do dialogismo se apresentam na medida em que a arena discursiva da Colúmbia Britânica é um espaço de disputas identitárias que reverberam no campo dos direitos e garantias.

¹ Graduanda em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisadora de Iniciação Científica PIBIC/CNPq em Teoria e Análise Linguística (CCHLA/UFRN). Pesquisadora em Direito e Educação no Grupo de Pesquisa em Educação, Direito e Universidade Pública (GEDUP/UFRN). E-mail: leticia.gesteira.124@ufrn.edu.br.

² Professora do Departamento de Direito Privado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e advogada. Coordenadora do GESTO (Grupo de Estudos Sociedade e Trabalho), NETIN (Núcleo de Estudos sobre Trabalho Infantil), NESAM (Núcleo de Estudos em Assédio Moral), NEDDIG (Núcleo de Estudos em Direito Digital), membro do DEFEM (Direito, Estado e Feminismos). Mestre em Direito Constitucional e Doutoranda em Serviço Social pela UFRN. E-mail: fabiana.mota@ufrn.br.

Palavras-chave: dialogismo; forças verbo-ideológicas; violência sexual infantil; povos indígenas.

Abstract: *This research problematizes the use of language in the identity construction of subjects of law who construct discursive practices on the theme of child sexual exploitation in indigenous communities of Victoria, British Columbia, Canada. On a qualitative and interpretative basis, this investigation turns to the categories of dialogism and verb-ideological forces, based on the Bakhtin Circle. Child sexual violence in indigenous communities is investigated based on discursive interactions in focus and analysis of dialogical relationships, through dialogical discourse analysis (DDA). It is concluded that i) the danger of monorational logic and ii) the importance of verbo-ideological forces and dialogism are presented to the extent that the discursive arena of British Columbia is a space of identity disputes that reverberate in the field of rights and guarantees.*

Keywords: *dialogism; verb-ideological forces; child sexual violence; indigenous people.*

Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?

(Michel Foucault)

INTRODUÇÃO

A pesquisa ora exposta foi desenvolvida ao longo de 4 meses, oficialmente, em um termo de estágio de pesquisa, momento em que a pesquisadora em questão esteve, como Estudante de Pesquisa/Visitante Internacional (VIRS), na Universidade de Victoria (UVic), Colúmbia Britânica (BC), Canadá. O estágio foi realizado por meio de bolsa fornecida pelo setor de Assuntos Globais do Governo do Canadá para a

realização de parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a Universidade de Victoria (UVic).

A arquitetura deste trabalho gira em torno de duas grandes áreas temáticas inter cruzadas e transgredidas³, quais sejam i) Linguística Aplicada; ii) Direito – especificamente da criança e do adolescente. As principais bibliografias utilizadas para encaminhar o procedimento metodológico⁴ desta pesquisa são *Por uma linguística indisciplinar*, construído por Moita Lopes (2006); *Fundamentos de metodologia científica*, de Lakatos e Marconi (2017).

O presente artigo compartilha alguns dos resultados dessa investigação, por meio da problematização dos discursos acerca da violência sexual infantil em comunidades indígenas da Colúmbia Britânica. Ademais, são exploradas as categorias i) forças verbo-ideológicas e ii) dialogismo, concretamente neste contexto, bem como, a partir dessas categorias, são identificados problemas institucionais acerca do tema ora pesquisado.

A realização dessa pesquisa se dá no âmbito das vivências concretas de um grupo de extensão do departamento da Escola de Cuidados com a Criança e com o Adolescente (SCYC) da UVic, por meio da i) análise de cinco fragmentos de entrevistas realizadas pelas

³ "Com esse termo o que se busca é construir uma noção de atravessamento das fronteiras disciplinares convencionais para desenvolver uma nova agenda de pesquisa que busca instrumentos políticos e epistemológicos que permitam transgredir os limites do pensamento e da política tradicionais." (PENNYCOOK, 2006, p. 73).

⁴ "A partir de dados particulares, suficientemente constatados, inferências são construídas, a fim de trazer conclusões inacabadas localizadas acerca do tópico em questão" (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 107). Isso quer dizer que tais conclusões não seguem a lógica solucionista, conforme apontado por Moita Lopes (2006), de tentar encaminhar a resolução de um problema. Esse não é o objetivo da presente pesquisa. Explica-se: a presente pesquisa busca problematizar o contexto do uso da linguagem por meio dos discursos sociais e, a partir disso, vislumbrar problemas institucionais sentidos pelas pessoas que vivem, metaforicamente, essa pesquisa. A partir disso, alternativas para o uso da linguagem em tal contexto podem ser objetivadas.

pesquisadoras Ana Chadwick (2019) e Sandrina de Finney (2015) do grupo supracitado e disponibilizadas virtualmente em seu website; e da ii) realização de entrevista com uma profissional⁵ que atua na área de violência de gênero contra jovens e crianças indígenas.

Sobre esse segundo ponto, algumas considerações metodológicas devem ser feitas. A entrevista foi realizada no dia 27 de dezembro de 2021, com duração de 42 minutos e 17 segundos, via plataforma Zoom, em virtude do cancelamento de atividades presenciais pelo crescimento exponencial da contaminação pela variante Ômicron durante a pandemia do SARS-CoV-2.

Foi utilizado o aplicativo *Descript* para a realização da transcrição automática da gravação da entrevista, originalmente realizada em inglês. Depois, procedeu-se à transcrição – em português e em inglês – de acordo com o manual de regras do grupo Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe (2007).

1. A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL EM COMUNIDADES INDÍGENAS DA COLÚMBIA BRITÂNICA (CA): AS IDENTIDADES DAS PRIMEIRAS NAÇÕES, MÉTIS E INUIT EM PERSPECTIVA TEMPO-ESPACIAL OU CRONOTÓPICA

A pesquisa em questão pretende analisar a violência sexual infantil⁶ no recorte cronotópico das comunidades indígenas da Colúmbia Britânica no Canadá a partir da colonização. Falar em *cronotopos* significa que a presente pesquisa parte do pressuposto de que a

⁵ Seu nome não será divulgado pelo compromisso assumido junto ao Comitê de Ética da UVic.

⁶ Para os fins desta pesquisa, foi adotado o termo *infantil* com base na Convenção dos Direitos da Criança da UNICEF, em que: criança é todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo (art 1º). (BRASIL, 1990).

“conjunção entre o tempo (*cronos*) e espaço (*topos*) dá luz às condições de interação, de concretização de linguagem e de possibilidades de ser e estar no mundo” (SILVA; ALVES, 2021, p. 500).

Importante clarificar, breve e conceitualmente, quem são os três grandes grupos de pessoas indígenas reconhecidas pelo governo do Canadá. Os Inuit são os povos indígenas que vivem em Nunavut, Nunavik (norte de Quebec), Nunatsiavut (Terra Nova e Labrador), e na Região de Assentamento Inuvialuit (oeste do Ártico); já os Métis originalmente são aqueles descendentes de casamentos entre comerciantes franceses e escoceses e mulheres indígenas que se colonizaram a Colônia do Rio Vermelho, e, hoje, essa definição inclui as diásporas associadas a esse grupo original e outros; por último, os povos das Primeiras Nações são aqueles que não são Inuit ou Métis. Os grupos supracitados são, por sua vez, organizados a partir de identidades e culturas heterogêneas pelo Canadá. (XEMFOLTW_CLAXTON *et. al*, 2021).

O silêncio sepulcral em torno do tema da violência sexual infantil no contexto indígena perdura à medida que passam os anos e os traumas intergeracionais são sentidos pelas famílias vítimas do carrego colonial⁷. Em 2021, resultados preliminares de um levantamento dos terrenos da antiga Escola Residencial⁸ Indígena Kamloops, na Colúmbia

⁷ O termo carrego colonial, pensado pelos estudiosos Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, refere-se às “formas de dominação produzidas pela colonialidade/modernidade, em que o ser/saber/poder, a partir de uma ótica de diversidade de princípios explicativos de mundo, são capturados, subalternizados e relegados ao esquecimento. (...) Nesse sentido, o conceito de carrego colonial dá o tom de que as obras coloniais miram o corpo material/imaterial daqueles que são alvos do seu sistema de violência/terror. O assassinato, cárcere, tortura, desmantelo cognitivo e domesticação dos corpos estão atrelados ao desarranjo das memórias e saberes ancestrais” (SIMAS; RUFINO, 2019, p. 19-20).

⁸ As escolas residenciais foram “criadas com o propósito de separar as crianças aborígenes de suas famílias, a fim de minimizar e enfraquecer os laços familiares e os laços culturais, e doutrinar as crianças em uma nova cultura – a cultura eurocristã legalmente dominante na sociedade canadense, liderada pelo primeiro Primeiro-Ministro do Canadá, Sir John A. Macdonald. As escolas existiram por mais de 100 anos,

Britânica, descobriram os restos mortais de pelo menos 215 crianças enterradas no local (CANADA..., 2021).

Esse carrego colonial persiste. A pesquisadora Sandrina de Finney (2015, p. 173) ao perguntar para meninas indígenas das Primeiras Nações sobre os estereótipos mais persistentes das infâncias indígenas que elas escutam, recebeu como resposta “bêbada, estuprada, selvagem indiana, inútil”⁹. Como ficará demonstrado, a arena discursiva da Colúmbia Britânica é um espaço de disputas identitárias que reverberam no campo dos direitos e garantias.

Sob essa ótica, pesquisadores da Universidade da Colúmbia Britânica (UBC), em 2015, descobriram que mulheres que tinham um dos pais que frequentava uma escola residencial tinham 2,35 vezes mais chances de serem abusadas sexualmente. As mulheres também eram “quase 10 vezes mais propensas a serem abusadas sexualmente mais

e muitas gerações sucessivas de crianças das mesmas comunidades e famílias suportaram tal violência. Essa experiência foi escondida durante a maior parte da história do Canadá, até que sobreviventes do sistema foram finalmente capazes de encontrar a força, coragem e apoio para trazer suas experiências à luz em vários milhares de processos judiciais que, em última análise, levaram ao maior processo de ação coletiva da história do Canadá.” (NATIONAL CENTRE FOR TRUTH AND RECONCILIATION, 2015, p. 6). Essa é uma tradução nossa, uma vez que não há outra tradução disponível. O trecho original é o que se segue: “These residential schools were created for the purpose of separating Aboriginal children from their families, in order to minimize and weaken family ties and cultural linkages, and to indoctrinate children into a new culture—the culture of the legally dominant Euro-Christian Canadian society, led by Canada's first prime minister, Sir John A. Macdonald. The schools were in existence for well over 100 years, and many successive generations of children from the same communities and families endured the experience of them. That experience was hidden for most of Canada's history, until Survivors of the system were finally able to find the strength, courage, and support to bring their experiences to light in several thousand court cases that ultimately led to the largest class-action lawsuit in Canada's history.”.

⁹ Tradução nossa, uma vez que não há outra tradução disponível. O texto, originalmente em inglês, é o que se segue: “When I have asked girls about the most persistent stereotypes of Indigenous girlhood they encounter, they ‘name slut’, ‘drunk’, ‘squaw’, ‘chug’, ‘raped’, ‘Indian savage’, ‘no good’, ‘welfare ho’.”

tarde na vida se tivessem um histórico de abuso sexual infantil" (PEARCE *et. al*, 2015, p. 13).¹⁰

Há uma ligação entre o legado das escolas residenciais e a reiterada violência sexual, que, em parte, pode ser investigada por meio das criações discursivas ao longo do tempo e dentro de um espaço. Essas disputas narrativas, conforme será verificado na presente pesquisa, retroalimentam uma posição colonialista frente aos direitos e garantias do grupo em questão.

Existe uma estreita relação, a qual será explorada mais a frente, entre a i) operância das forças discursivas, no cronotopo da Colúmbia Britânica ao longo dos últimos 150 anos de carrego colonial; ii) a construção de identidades e a iii) violência sexual infantil.

2. POR UMA LINGUÍSTICA APLICADA TRANSGRESSIVA: O QUE A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL EM COMUNIDADES INDÍGENAS DA COLÚMBIA BRITÂNICA (BC) TEM A VER COM A LINGUAGEM?

Violentar o corpo é violentar identidades manifestantes de discursos, saberes e gramáticas. A violência sexual infantil não só atravessa o campo dos direitos e das garantias, mas, antes de tudo,

¹⁰ A referida pesquisa explorou tendências de abuso sexual e fatores de risco associados em um recorte de jovens mulheres aborígenes que usaram drogas em Vancouver e Prince George, Canadá, entre 2003- 2010. O estudo é de responsabilidade do Cedar Project, da Universidade da Colúmbia Britânica (UBC) em Vancouver, Canadá. Quando preenchidos os requisitos de participação para a presente pesquisa, as mulheres foram questionadas: "Nos últimos 6 meses, você foi forçado a fazer sexo contra a sua vontade e/ou foi tocado onde você não deveria estar sem o seu consentimento?" (sim/não). As participantes que responderam "sim" foram então perguntadas: "Quantas vezes isso aconteceu nos os últimos 6 meses?" com possíveis respostas sendo: uma vez, 2-5 vezes, mais de 5 vezes, ou recusadas. A identidade da(s) pessoa(s) ofendida(s) foi questionada perguntando: "Quem fez isso com você?" com possíveis respostas sendo: namorado, namorada, homem conhecido por mim, mulher conhecida por mim, estranho, outros, não se lembram ou se recusam a responder. As variáveis independentes de interesse foram escolhidas com base em estudos empíricos de abuso sexual, sendo uma delas o fato de ter um dos pais frequentado uma escola residencial. (PEARCE *et. al*, 2015, p. 8-9).

desarranja memórias e produz apagamentos discursivos (SIMAS; RUFINO, 2019), seja por meio do ato de violentar, seja por meio do que não se fala, historicamente, sobre essas violências.

As instituições, por exemplo, exercem poder por meio da divulgação de discursos e verdades que criam possibilidades de existir, ser e agir a partir das intenções e arranjos valorativos. Contribuem assim, ativamente, para a constituição da vida social (LOPES, 2006).

Simas e Rufino (2019, p. 28) destacam as três principais formas de atuação da política que alicerça as estruturas de dominação da vida no Novo Mundo: “o assassinato dos corpos, dos saberes e das linguagens”. Há uma relação de reciprocidade entre essas três formas. A violência sexual infantil, enquanto instância de desencanto¹¹, destroça os saberes, já que o corpo é lugar de inscrição de ser/saber no mundo.

Então, existe um processo de apagamento de linguagens a partir do apagamento dos corpos, já que é por meio deles que se enuncia. O ciclo de reciprocidade, enfim, é fechado a medida em que tais ações de mortandade investem em uma linguagem própria para gerir o assassinato desses mesmos corpos e saberes (RUFINO, 2017).

Isso significa que essas três instâncias não atuam de forma isolada, mas como uma engrenagem, à medida que uma forma de dominação necessita da outra para concretizar o extermínio secular das experiências

¹¹ “O contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto” (SIMAS; RUFINO, 2020, página 8). (...) Falar em desencanto significa entender os efeitos do colonialismo. Isso porque a mortandade colonial gera ‘sobras viventes’, ‘sobreviventes’, e também os ‘supra viventes’. Esses últimos usam, dentre outros aparatos, da dobra da linguagem para driblar a realidade monorracional que se vive em uma sociedade colonial. São aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir além, afirmando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência.” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 4). Esse é o ser encantado, e é por isso que o contrário da vida é o desencanto. Ou seja, o momento em que se fataliza o colonialismo.

indígenas. Matar os corpos para matar os saberes e as linguagens. Investir na linguagem – única, monológica – para gerir a política de genocídio em curso.

2.1 A L.A. TRANSGRESSIVA E OS ESTUDOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN: DIALOGISMO E FORÇAS VERBO-IDEOLÓGICAS

Demonstrada a correlação entre a linguagem e o problema da violência sexual infantil, passa-se à delimitação de duas categorias de análise, quais sejam i) o *dialogismo*, ii) as *forças verbo-ideológicas* – as duas provenientes dos estudos do Círculo de Bakhtin.

A primeira categoria a ser explorada pelo presente trabalho é aquela chamada de *dialogismo*. Essa categoria pode indicar uma série de entendimentos acerca da linguagem. Por exemplo, uma das formas de entender o referido termo é a partir da noção do modo de funcionamento real da linguagem. Ou seja, concretamente, um enunciado, em situação de uso da linguagem, é construído com base em enunciados outros (BAKHTIN, 1979). Para Bakhtin, “viver é a materialização de um processo dialógico” (BAKHTIN, 1984, p. 293).¹²

O dialogismo, então, demonstra como as práticas discursivas dos sujeitos são imbuídas de outros. Nesse ínterim, o dialogismo também é entendido como a incorporação, por parte do enunciador, das vozes de outros no seu próprio enunciado, de forma expressa ou não (BAKHTIN, 1979).

Para essa pesquisa, essa categoria é traçada como premissa indispensável para análise discursiva – dialógica – dos trechos da próxima

¹² Nesse trabalho, esse será o conceito predominantemente empregado do dialogismo. Quando outro entendimento estiver em pauta, uma nota de rodapé explicativa será utilizada.

subseção. Isso porque as referidas enunciações não podem ser adequadamente compreendidas fora de seu contexto de produção, circulação e recepção. Compreender as dimensões do dialogismo¹³ nos momentos de tempo e espaço de um enunciado é desvelar camadas de significações imbricadas na memória coletiva de uma sociedade.

Por sua vez, as forças verbo-ideológicas atuam sobre a língua a fim de manter e/ou transformar a sua unidade. Da mesma forma, essas forças atuam no mundo da vida no sentido de operar mudanças ideológicas sobre determinados discursos ou mantê-los como já são. Podem ser de contenção, também chamadas centrípetas, e de dispersão ou centrífugas. (SILVA; ALVES, 2021)

Isso significa que qualquer enunciador em uma dada sociedade desempenha um papel discursivo que exerce algum tipo de força sobre os demais outros sujeitos, instituições e enunciadores em geral em um tempo e espaço determinado. Essa engrenagem de poderes impacta a memória coletiva de comunidades.

Dessa forma, se relacionam os conceitos de dialogismo e forças verbo-ideológicas, haja vista que a partir das interações e tomadas dos discursos de outros é possível reter a memória coletiva, sendo necessário se posicionar sobre ela. O instituto das escolas residenciais, por exemplo, a partir da centralização de seu discurso, foi responsável pela suplantação de outras formas de existência fora do espectro colonial branco, machista, heteronormativo, monocultural e cristão.

“A linguagem é completamente tomada com intenções e direcionamentos axiológicos precisos. Cada palavra tem gosto do contexto em que nasceu e todas as palavras são povoadas pelas

¹³ Aqui, como vozes sociais emergentes sobre um certo tema.

intenções"¹⁴ (DANOW, 1991, p. 25). A palavra dita, ou não, portanto, beberá de determinadas associações temporal e espacialmente atribuídas a ela e essa prática poderá ser propositadamente pensada para implicar tais vínculos por meio do emprego medido por parte do enunciador.

Essa maquinaria discursiva continua a ser operada e disputada no contexto de tal investigação. “Um pedido de desculpas pelo líder da Igreja reconheceria a verdade e uma vez que a verdade seja aceita e a verdade seja dita, então passamos para a reconciliação”¹⁵, foi a fala feita por Cadmus Delorme, chefe da Primeira Nação de Cowessess, à CTV Notícias Nacionais de Goulais River, Ontario, em 2021 (SACHEDINA; NEUSTAETER, 2021).

Dessa forma, fica evidente a disputa pela palavra no âmbito do genocídio do povos tradicionais no Canadá e, especificamente, a disputa pela narrativa das milhares de infâncias ceifadas pela perversidade colonial da destruição dos corpos para destruição da linguagem e para a destruição das identidades. As forças verbo-ideológicas institucionais, a exemplo da Igreja e do Governo, atuam na certeza da palavra enquanto elemento (i)mobilizador.

De outro lado, a mesma linguagem que opera em prol do genocídio também permite o escape a toda forma de controle e limitação, na dita dobra da linguagem, na fresta (RUFINO, 2019). Isso

¹⁴ Tradução nossa, haja vista não haver outra tradução disponível. O texto, originalmente em inglês, é o que se segue: “Each word tastes of the context and contexts in which it has lived its socially charged life; all words are populated by intentions.”

¹⁵ Tradução nossa, uma vez que não há outra tradução disponível. O texto, originalmente em inglês, é o que se segue: “To apologize from the church's leader would acknowledge the truth and once truth is accepted and truth is told, then we move to reconciliation”.

significa que a transgressão da linguagem acontece nos vazios deixados pela agenda colonial dos racismos, genocídios, epistemicídios.

Chamo de praticar a dobra na linguagem a capacidade de ser leitor e escritor em múltiplas textualidades. Dobrar a linguagem é a capacidade de, em meio aos regimes monológicos/monorracionais, explorar as possibilidades de se inventar polilinguista/polirracionalmente. A dobra é a astúcia daquele que enuncia para não ser totalmente compreendido, não pela falta de sentido, mas pela capacidade de produzir outros que transgridam as regras de um modo alternativo. A linguagem é um campo que revela múltiplas possibilidades, assim como enigmatizar muitas outras. (...) Os sujeitos plurilinguistas/plurirracionais são aqueles que foram submetidos às violências do colonialismo, assim, tiveram, nessas experiências, a capacidade resiliente de pluralizar os seus repertórios comunicativos. Entraram no fogo sem exterminar o outro, mas o absorvendo e o transformando em outra coisa, acumulando-o como força vital. (RUFINO, 2019, p. 117-118)

Isso significa que a palavra também é campo de resistência por parte dos povos tradicionais habitantes na Colúmbia Britânica, conforme será demonstrado no próximo tópico¹⁶.

2.2 O OLHAR SOBRE A ENUNCIÇÃO: IDENTIFICANDO PROBLEMAS INSTITUCIONAIS SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL EM

¹⁶ Apenas para ilustrar, à entrevistada P1 foi perguntado: "Com o seu trabalho atual de pesquisadora, como você acha que as discussões sobre esse tema aqui podem ajudar a emergir ações descolonizadoras anti-racistas?". Uma parte da sua resposta fez referência a importância da palavra como (um) elemento emancipador para a alteração da realidade: "(...) e é por isso que continuamos "empurrando", hum, você sabe, porque algumas crianças realmente ouvem "a culpa é sua e, você sabe, isso é um segredo e você nunca pode contar a ninguém ou vamos te machucar", e, em seguida, elas mantêm tudo dentro de si. E então, talvez um dia, elas vão a um workshop onde alguém diz que nós, você sabe, "nós vamos ajudá-lo. Estaremos lá para você. Não há problema em dizer a alguém. Não há problema em pedir ajuda." E essa pode ser a primeira vez que eles ouvem isso. (...)" A entrevista foi originalmente realizada em inglês. O trecho original é o que se segue: "(...) Um, and so that's why we just keep pushing, um, you know, because some thumb children are truly told "it's your fault and, you know, this is a secret and you can never tell anyone or we will hurt you", and then keep it all inside. And so maybe one day they go to a one workshop where someone [AB | sell-] says, "it's okay to say we, you know, we will help you. We'll be there for you. It's okay to tell someone it's okay to ask for help." And that might be the first time that they hear that. (...)"

COMUNIDADES INDÍGENAS DA COLÚMBIA BRITÂNICA A PARTIR DAS CATEGORIAS BAKHTINIANAS

O corpus de análise do presente trabalho compreende 05 (cinco) fragmentos de entrevistas realizadas pela pesquisadora Sandrina de Finney (2015) e Anna Chadwick (2019) – bem como 01 (uma) entrevista realizada com uma profissional da área – com mulheres e meninas indígenas e pessoas autoidentificadas como brancas.

Dadas tais observações, passa-se ao olhar sobre a enunciação. A pesquisadora Anna Chadwick (2019, p. 67), em seu trabalho de mestrado, conta que:

Em entrevistas e workshops, as meninas frequentemente falavam sobre "o não dito", e como a violência é "silenciosa". "Como faço para testemunhar o medo embutido neste silenciamento?" "O silêncio [sobre a violência sexualizada] em nossa comunidade é ensurdecador. O silêncio está nos matando." Essas são as palavras de uma participante, uma querida amiga minha, que falou em profundidade sobre a violência sexualizada que experimentou quando jovem: Ela observou que sua história é ecoada por muitos jovens em sua comunidade.¹⁷

Ao cruzar as experiências da pesquisadora em questão com as categorias bakhtinianas das forças verbo-ideológicas, percebe-se a emergência de espaços extraoficiais, no sentido de práticas fora do espectro institucionalizado e sistematizado em uma sociedade, como locus de possibilidade enunciativa.

Em entrevista realizada com uma profissional da área na Colúmbia Britânica, a qual será referida como P1, para os fins desta pesquisa, foi

¹⁷ Tradução nossa, uma vez que não há outra tradução disponível. O termo original, do inglês, é o que se segue: "In interviews and workshops, girls often talked about "the unspoken," how violence is "hushed." How do I witness the fear embedded in this silencing? "The silence [about sexualized violence] in our community is deafening. The silence is killing us." These are the words of a participant, a dear friend of mine, who spoke in depth about the sexualized violence she experienced as a young girl. She specified that her story is echoed by many youths in her community."

colocado como o Canadá, enquanto potência colonial, só pode continuar a existir à medida que narrativas que engrandecem o país são construídas e escondem histórias outras¹⁸.

Segundo ela, existe muito investimento na denominada política de negação por parte do Estado colonial, haja vista que esse é um dos aparatos utilizados na perpetuação do poder¹⁹. Falar que o *silêncio está nos matando* significa reconhecer a eficiência desse ferramental empregado pelo Canadá – a política de negação é uma política de morte.

A produção dos discursos é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório (FOUCAULT, 2012). Por isso há algo de muito importante na prática da dobra da linguagem, na polifonia.

¹⁸ A entrevista foi originalmente realizada em inglês. O trecho original é o que se segue: "um, I think, you know, the whole country can only continue to exist [AB | if it has-] if it teaches children a narrative about the country that is good and that hides the true history."

¹⁹ Essa é uma citação indireta de um trecho da entrevista originalmente realizada em inglês. O trecho na íntegra é o que se segue: "And so, you know, there's a lot of investment [RP | in] in schools to not tell the truth, of course, because what would happen if we taught canadian children, um, and canadian young people and canadian families, the truth about residential schools, about the 60 scoop about all the laws, you know, [about] making, um, indigenous language illegal, [about] making indigenous, um, culture illegal, um, [RP | [all] the], all the issues that happen in hospitals with forced sterilizations and experiments without consent. I mean, there's so many examples, right? Moving whole communities so that they can cut all the trees or they can access their water or their river. So this kind of national {pp} politics of denial is so essential to the colonial state. And so, you see that reproduced as a discursive formation throughout, you know, the media through, um, what is taught in schools in history, um, through how even the concept of "truth and reconciliation" is presented. So the focus in Canada is always on reconciliation, meaning: two different people coming together in the middle. But there hasn't been an emphasis on the truth, which is what you're bringing (...) in the middle when we are not being honest about what happened and when the colonial state and the authorities continue to hide documents, continue to hide evidence, continue not to fulfill their international and national, uh, treaty, um, responsibilities, you know, like, the United Nations Convention on the Rights of Indigenous People, under the Convention on the Rights of Children, [which is] the CRC {pp}."

Dobrar a linguagem é fazer emergir outras narrativas possíveis por meio da rasura de uma realidade monorracional (RUFINO, 2019), como é o espaço extraoficial criado pela pesquisadora Anna Chadwick e acima descrito. Rasurar a realidade – no sentido de transformá-la – é i) dialogizar e ii) potencializar a tensão das forças verbo-ideológicas, na medida em que é, respectivamente, i) transformação de uma prática discursiva existente e ii) reconhecimento de práticas discursivas plurais.

É essencial atentar para a percepção de que a história narrada acima é ecoada por várias pessoas – por meio do dialogismo em uma prática de dobra da linguagem. Ou seja, a dobra da linguagem se relaciona ao dialogismo. Explica-se: não se dobra a linguagem sozinho, mas sim na organização de uma rede discursiva coesa e direcionada, porque tal movimento transformativo pressupõe uma coletividade. De outro lado, Chadwick (2019, p. 70) menciona que

Uma líder comunitária que trabalhou com jovens em sua comunidade por décadas falou sobre a vergonha que ela e sua família experimentaram como resultado do colonialismo no norte do Canadá. "Quando nos voltamos à nossa história... o que nos foi ensinado foi a ter vergonha de quem nós somos."²⁰

O sistema legal canadense, consoante a participante da entrevista P1, opera no silêncio e no acobertamento. Não existe nomeação para encarregar a violência sexual infantil. A questão da produção discursiva sobre o genocídio indígena no Canadá é tão cara às instituições que, segundo ela, a apresentação do conceito de reconciliação toma uma atenção central.

²⁰ Tradução nossa, uma vez que não há outra tradução disponível. O trecho, originalmente em inglês, é o que se segue: "A community leader who has worked with youth in his northern community for decades talked about the shame that he and his family experienced as a result of colonialism in northern Canada: "When you go back to our history . . . what was taught was to be ashamed of who you are."

No Canadá, o conceito de reconciliação é enfatizado exatamente em uma não tomada de responsabilidade. Consoante a P1, a reconciliação significa duas partes caminhando em direção a um meio. No entanto, o governo canadense não tem agido sobre a verdade, que é exatamente o fator que direcionaria as duas partes ao meio. Ou seja, o discurso sobre a reconciliação é hoje parte da política neocolonial do Estado²¹.

Quando a participante fala que o que a ela e a sua família foi ensinado é a *ter vergonha de quem são* outra discussão importante é posta em pauta: as formas de produção de conhecimento e sua relação com os discursos em uma dada sociedade. Abaixo, uma outra perspectiva sobre a mesma discussão, que em seguida será endereçada:

Uma participante, mãe e professora de língua e cultura, me disse que as rochas do rio em sua terra natal "contam um milhão de histórias" das gerações de mulheres que "vieram antes". Ela falou sobre como as gerações passadas são fontes de força. "Eu costumava ouvir histórias sobre minha avó e a força que ela tinha quando eles estavam nas trilhas desta terra e eu sempre tento imaginar isso para nós... há força no meu sangue."²² (CHADWICK, 2019, p. 73).

²¹ Essa é uma citação indireta de um trecho da entrevista originalmente realizada em inglês. O trecho na íntegra é o que se segue: "you know, like, not just in Canada, like, [AB | then if-] [RP | they] they sometimes were moved to other countries. So, um, without truth and without justice, you cannot have reconciliation. So they keep pushing this ideological kind of, you know, [RC | meet-=meeting] "meeting in the middle". But the cost is so high because there hasn't been, um, even a basic legal acknowledgement and redress yet."

²² Tradução nossa, uma vez que não há outra tradução disponível. O trecho, originalmente em inglês, é o que se segue: a mother, aunty, language and cultural teacher, told me that rocks from the river in her homeland "tell a million stories" of the generations of women who "came before." She talked about how past generations are sources of strength: "I used to hear stories about my grandma and the strength she held when they were on the trails on this land and I always try to imagine that for us... There is strength in my blood..."

bell hooks (2017) expressa como se relacionam a língua à produção de conhecimento em uma dada sociedade e a importância disso na construção de identidades. Ao falar sobre o ato de aprender a língua inglesa, ela diz que não é o idioma em si que machuca, mas sim como os – enunciadore – opressore a utilizam: para limitar, “como uma arma capaz de envergonhar, humilhar e colonizar” (HOOKS, 2017, p. 224)

Nesse sentido, os postulados de bell hooks refletem integralmente o que foi colocado no segundo fragmento desta seção. Ao refletir sobre a história de sua comunidade, aquela participante entende que um sentimento de vergonha generalizada foi criado. *Nos foi ensinado*, é o que ela diz. Quem ensinou? Certamente, existe um sujeito que ensinou. Fora do contexto de criação e de circulação desse enunciado, ele é apenas uma oração.

“Só o contato da língua com a realidade, com o enunciado, gera a centelha da expressão” (BAKHTIN, 2020, p. 51). É necessário alocar a oração “nos foi ensinado a ter vergonha de quem nós somos” na inteireza de que necessita o enunciado, ou seja, dentro do seu contexto de produção e circulação. Ao analisar os estudos críticos sobre a violência sexual infantil das pesquisadoras De Finney e Anna Chadwick é possível identificar que a educação foi um aparato essencial para a manutenção do Estado colonial canadense.

Os agentes ativamente responsáveis pelo uso da educação como ferramenta de produção discursiva sobre os povos tradicionais vivente nessa terra são a Igreja, por meio das escolas residenciais, e o Governo, por meio do sistema de bem-estar infantil. (DE FINNEY; KRUEGER-HENNEY; PALACIOS, 2019)

Como já discutido neste trabalho, a linguagem é utilizada até hoje como ferramenta em prol do (neo)colonialismo no Canadá sobre os

corpos e, conseqüentemente, as identidades indígenas. Mas, por outro lado, pelo aspecto polifônico da linguagem, também foi mencionada a possibilidade de drible, de dobra da linguagem em uma realidade monorracional.

A terra e a natureza, por sua vez, são entidades de extrema importância na discussão sobre i) a construção de conhecimento sobre populações indígenas e ii) sobre a violência sexual infantil indígena. Passa-se à primeira análise.

O autor equatoriano Alberto Acosta (2016) demonstra como os múltiplos imperialismos colocaram em prática a dominação da Natureza (ACOSTA, 2016). Em se tratando de epistemologias indígenas dos povos do norte da Colúmbia Britânica²³ – e não somente deles²⁴ –, a terra e o que dela brota são ponto chave para a concretização da cultura e da ancestralidade. Materiais terrestres são utilizados para honrar a ligação entre a terra e soberania corporal.

A natureza é uma entidade enunciadora que faz parte do ciclo dialógico das relações intersubjetivas no contexto dessa pesquisa²⁵. Quando se fala que ela conta “um milhão de histórias das gerações de

²³ Com base na atuação do grupo de pesquisa Kinship Rising, que conta com participantes de diversas comunidades indígenas, a exemplo da Nação Ahousaht e Haida Gwaii.

²⁴ “Como reafirma a ecologista equatoriana Esperanza Martínez, os Direitos da Natureza não provêm de uma matriz exclusivamente indígena. Neste sentido, todo esforço por traduzi-los se inscreve em uma reiteração da mestiçagem, pois propõe uma recuperação de elementos próprios de todas as culturas irmanadas pela vida. (...) Os Direitos da Natureza (...) são considerados direitos ecológicos. Na Constituição equatoriana, diferentemente da boliviana, tais direitos aparecem de maneira explícita como Direitos da Natureza, orientados a proteger os ciclos vitais e os diversos processos evolutivos, não apenas as espécies ameaçadas e as reservas naturais. Neste campo, a justiça ecológica pretende assegurar a persistência e sobrevivência das espécies e de seus ecossistemas como conjuntos ou redes de vida.” (ACOSTA, 2016, p. 132-136).

²⁵ Isso significa reconhecer que fora da epistemologia monorracional eurocentrada, existem outras formas de conhecer, ser e estar no mundo. Nesse caso, os rios, as pedras, as árvores são elementos centrais para a produção de conhecimento e identidades.

mulheres que vieram antes", se fala em impactos discursivos de um sobre outro.

O grupo de pesquisa Kinship Rising, da Universidade de Victoria (KINSHIP, 2021) sobre violência de gênero – incluindo a violência sexual – baseado em engajamento comunitário, por exemplo, tem como um de seus princípios norteadores a utilização de elementos da terra para a construção de pesquisa indígena.

De Finney, Bennett e Adams (2021), pesquisadoras do grupo, externam que muito do conhecimento indígena sobre o bem-estar de gênero de que as participantes falam está profundamente enraizado em entendimentos ontológicos orais e baseados em lugares do mundo e da natureza.

Esses ensinamentos e práticas cerimoniais – infinitamente complexos, ricos e sagrados – não podem ser capturados na documentação de pesquisa, nem deveriam ser. Longe de serem conjuntos facilmente prescritos de práticas culturais, as ontologias, baseadas na terra, do bem-estar de gênero representam um modo de ser, uma cerimônia diária, valores que são construídos no tecido de nossas vidas.²⁶ (DE FINNEY; BENNETT; ADAMS, 2021, p. 7).

Passada a análise da produção de conhecimento, a segunda análise busca entender como a violência sexual infantil possui uma relação imbrincada à terra. Na entrevista com P1, ao se questionar sobre a relação entre esses dois temas, foi colocada luz sobre o problema das demarcações de terras. Isso se dá porque se as comunidades indígenas não têm acesso a sua própria terra de forma segura, elas não têm onde

²⁶ Tradução nossa, uma vez que não há outra tradução disponível. O trecho, originalmente em inglês, é o que se segue: "These teachings and ceremonial practices – infinitely complex, rich, and sacred – cannot be neatly captured in research documentation, nor should they be. Far from being easily prescribed sets of cultural practices, ontologies of land-based gender well-being represent a way of being, a daily ceremony, values that are woven into the fabric of our lives."

morar ou mesmo onde manter sua língua, a qual possui relação direta com a terra²⁷.

Quando o não acesso ocorre, crianças indígenas são obrigadas a deixar suas comunidades – pelo aparato estatal do sistema nacional de bem-estar infantil²⁸ ou pela própria retirada familiar – e isso potencializa os riscos da exposição à violência sexual.

Na lente das próprias crianças indígenas das Primeiras Nações, a partir das entrevistas de Sandrina de Finney (2015, p. 173):

Cindy, uma garota das Primeiras Nações, de 16 anos, observou que as meninas indígenas são percebidas como "arruinadas para toda a vida", "não fortes, bonitas ou mesmo não valem muito". (...) Seeka, de 16 anos, que mora em uma reserva, disse que "não é de admirar... Garotas nativas desaparecem e tal e isso nunca chega às notícias."²⁹

²⁷ Essa é uma citação indireta da entrevista originalmente realizada em inglês. O trecho original na íntegra é o que se segue: "because if communities don't have safe land, where to live, where to maintain their language and their way of life, then they are not safe."

²⁸ O sistema de bem-estar infantil no Canadá é um ponto de destaque. As crianças indígenas do sexo feminino apreendidas pelo sistema de bem-estar infantil são vítimas de violência sexual mais do que o dobro do que outras meninas em tratamento (Turpel-Lafond, 2016). No relatório apresentado por Turpel-Lafond, fica externado o papel que o sistema de bem-estar infantil possui em não contribuir com o verdadeiro bem-estar infantil. De Finney, Krueger-Henney e Palacios (2019, p. 1) aponta que "sob regimes coloniais, a justiça criminal, a educação, a imigração e os sistemas de bem-estar infantil representam locais sobrepostos do poder transcarceral que amplificam a interseção da violência sexual com base em raça e gênero.". A citação anterior é uma tradução nossa, uma vez que não há outra tradução disponível. O trecho original é o que se segue: Under settler colonial regimes, criminal justice, education, immigration, and child welfare systems represent over-lapping sites of transcarceral power that amplify intersecting racialized, gen-dered, sexualized (...) violence".

²⁹ Tradução nossa, uma vez que não há outra tradução disponível. O trecho, originalmente em inglês, é o que se segue: "Cindy, a 16-year-old First Nations girl, observed that Indigenous girls are perceived as 'ruined for life,' 'not strong, beautiful, or even worth much.' Seeka, 16, who lives on a reserve, said it is 'no wonder ... Native girls disappear and stuff and it never makes it to the news.'"

Há uma percepção dos estereótipos i) criados e ii) disseminados, na Colúmbia Britânica, sobre a infância de meninas indígenas por meio das i) forças verbo-ideológicas e do ii) dialogismo, respectivamente.

Observa-se os papéis institucionais na utilização de uma força centrípeta que limite a presença indígena na sociedade. A mídia e as escolas são espaços que ainda operam na lógica colonial do uso da língua para a dominação, retomando o que fala bell hooks (2017).

CONCLUSÃO

A partir das discussões acima, conclui-se que i) o perigo e ii) a importância das forças verbo-ideológicas e do dialogismo se apresentam na medida em que a arena discursiva da Colúmbia Britânica é um espaço de disputas identitárias que reverberam no campo dos direitos e garantias.

O perigo – para retornar a epígrafe deste trabalho – se dá nos limites de uma lógica monorracional. O campo da linguagem é um aparato importado pela colonização para a produção de racismo, genocídio, epistemicídio e semiocídio a partir da criação e manutenção de uma unidade discursiva. A manutenção desse uno discursivo é realizada pelo aspecto dialógico da linguagem, por meio da reprodução de vozes em uma dada sociedade.

A importância, por sua vez, se dá na dobra da linguagem que ainda é possível dentro de uma lógica monorracional. Tais forças verbo-ideológicas, para além de manter uma unidade discursiva, também são capazes de transformar determinada unidade discursiva sobre um tema. É assim que se pratica a dobra da linguagem.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2020.

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, Mikhail M. **Problems of Dostoevsky's poetics**. Edição e tradução Caryl Emerson. Introdução Wayne C. Booth. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

BAKHTIN, Mikhail M. **Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. Tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Organização da edição russa Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018.

BAKHTIN, Mikhail M. **The dialogic imagination: four essays**. Edição Michael Holquist. Tradução Caryl Emerson e Michael Holquist. Texas: University of Texas Press, 1981.

BRASIL. Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990. **Promulga a Convenção dos Direitos da Criança**. Diário Oficial da República do Brasil. Poder Executivo, Brasília, DF, 21 de novembro de 1990. Acesso em: 25 nov. 2022.

CANADA STATISTICS. **Aboriginal peoples highlight tables, 2016 census**. Canada, 2016. Disponível em: <https://www12.statcan.gc.ca/census-recensement/2016/dp-pd/hltfst/abo-aut/Table.cfm?Lang=Eng&T=101&S=99&O=A>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

CANADA mourns as remains of 215 children found at indigenous school. **BBC NEWS**, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-57291530#:~:text=A%20mass%20grave%20containing%20the%20remains%20of%20215,School%20in%20British%20Columbia%20that%20closed%20in%201978.>>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CARRILHO, Ernestina; ELISEU, André; LOBO, Maria; MARTINS, Ana Maria; PEREIRA, Sandra. Normas de transcrição. Organização Catarina Magro. **Corpus dialetal para o Estudo da Sintaxe**. Lisboa, jul. 2007. Disponível em: <https://clul.ulisboa.pt/sites/default/files/inline-files/manual_normas.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2022.

CHADWICK, Anna. Imagining alternative spaces: re-researching sexualized violence with Indigenous girls in Northern Canada. **Journal of Girlhood Studies**. Victoria, v. 12, n. 3, p. 99-115, Dec. 2019. Disponível em: <<https://onlineacademiccommunity.uvic.ca/kinshiprising/>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

DANOW, David. K. **The thought of Mikhail Bakhtin**: from word to culture. New York: St. Martin's Press, 1991.

DE FINNEY, Sandrina; BENNETT, Kathleen; ADAMS, Chantal. Centering community-led indigenous gender sovereignty. **Collaborations: a journal of community-based research and practice**, v. 4, n. 1, p. 1-12, 22 set. 2021. Disponível em: <<https://collaborations.miami.edu/articles/10.33596/coll.72/>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

DE FINNEY, Sandrina; KRUEGER-HENNEY, Patricia; PALACIOS, Lena. Reimagining Girlhood in White Settler-Carceral States. **Journal of Girlhood Studies**, v. 12, n. 3, p. vii-xv, Dec. 2019. Disponível em: <<https://onlineacademiccommunity.uvic.ca/kinshiprising/>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

DE FINNEY, Sandrina. Playing Indian and other settler stories: disrupting Western narratives of Indigenous girlhood. **Continuum**, v. 29, n. 2, p. 169-181, 4 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10304312.2015.1022940>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. **Bakhtiniana: Revista de Estudos Do Discurso**, São Paulo: v. 1, n. 2, p. 143-164, 2. sem. 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3015>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HUTCHINSON, A. **What is Truth and Reconciliation (First Nations)? The Immigrant Educational Society**. Disponível em: <<https://www.immigrant-education.ca/knowledge-base/truth-and-reconciliation-first-nations/>>. Acesso em: 07 jan. 2022.

KINSHIP RISING. **Kinship Rising: unapologetic, resurgent, connected, sovereign bodies**. Victoria: University of Victoria, 2020. Disponível em: <<https://onlineacademiccommunity.uvic.ca/kinshiprising/about-kinship-rising/>>. Acesso em: 27 dez. 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

LOPES, Luiz Paulo da Moita; FABRÍCIO, Branca Falabella; PENNYCOOK, Alastair; RAMPTON, Ben; KUMARAVADIVELU, B.; RAJAGOPALAN, Kanavillil; SIGNORINI, Inês; MAKONI, Sinfree; MEINHOF, Ulrike; NELSON, Cynthia D.; CAVALCANTI, Marilda C.; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Por uma Linguística Aplicada interdisciplinar**. Organização Luiz Paulo da Moita Lopes. Edição Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.

MCDIARMID, Jessica. **Highway of tears**: a true story of racism, indifference and the pursuit of justice for missing and murdered indigenous women and girls. Vancouver: Doubleday Canada, 2019.

NATIONAL CENTRE FOR TRUTH AND RECONCILIATION. **Honouring the truth, reconciling for the future**. Manitoba, 2015. Disponível em: <<https://nctr.ca/records/reports/>>. Acesso em: 07 jan. 2022.

PEARCE, Margo E.; BLAIR, Alden H.; TEEGEE, Mary; PAN, Stephen W.; THOMAS, Vicky; ZHANG, Hongbin; SCHECHTER, Martin T.; SPITTAL, Patricia M. The Cedar Project: historical trauma and vulnerability to sexual assault among young aboriginal women who use illicit drugs in two canadian cities. **Violence Against Women**, v. 21, n. 3, p. 313–329, 3 fev. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1077801214568356>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; FABRÍCIO, Branca Falabella; PENNYCOOK, Alastair;

RAMPTON, Ben; KUMARAVADIVELU, B.; RAJAGOPALAN, Kanavillil; SIGNORINI, Inês; MAKONI, Sinfree; MEINHOF, Ulrike; NELSON, Cynthia D.; CAVALCANTI, Marilda C.; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Por uma Linguística Aplicada interdisciplinar**. Organização Luiz Paulo da Moita Lopes. Edição Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-83.

PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. **Organon**. Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, p. 36-48, 14 jun. 2002. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29782/18403>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**. 2017, 233 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRN), Rio de Janeiro, 2017.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SACHEDINA, Omar; NEUSTAETER, Brooklyn. **Missing residential school records: Vatican won't release documents, feds destroyed files**. Disponível em: <https://www.ctvnews.ca/canada/missing-residential-school-records-vatican-won-t-release-documents-feds-destroyed-files-1.5455783>. Acesso em: 26 dez. 2021.

SILVA, Juan dos Santos; ALVES, Maria da Penha. A identidade na vida e a identidade na arte: um panorama identitário nas obras de Bakhtin. **Letras de hoje**, v. 56, n. 3, p. 497-511, 31 dez. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1984-7726.2021.3.40852>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. Ebook Kindle.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

TURPEL-LAFOND, Mary Ellen. **Too many victims: sexualized violence in the lives of children and youth in care**. Disponível em: <https://cwrp.ca/sites/default/files/publications/en/r_for_c_and_y_toomanyvictims_2016.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

XEMFOLTW_CLAXTON, Nicholas; FONG, Denise; MORRISON, Fran; O'BONSAWIN, Christine; OMATSU, Maryka; PRICE, John; SANDHRA, Sharanjit. **Challenging racist British Columbia: 150 years and counting.** Equipe de desenvolvimento Jackie Bohez; John Endo Greenaway; Jessica MacVicar; Brian Samllshaw. Edição digital aprimorada Carmen Rodríguez de France; Karine Ng. Edição de texto Ann-Marie Metten. Apoio Consuela Covring. Impressão East Van Graphics. Vancouver: Editoras Canadian Centre for Policy Alternatives (BC Office) e Asian Canadians on Vancouver Island: Race, Indigeneity and the Transpacific (ACVI), University of Victoria, 2021.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

SILVA, L. de L. L. G. da; MOTA, F. D. S. A. da. Linguagem, Bakhtin e violência sexual infantil em comunidades indígenas da Colúmbia Britânica no Canadá: identificando problemas institucionais. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 7, nº16, jul-dez/2022, p. 116 -141.